

Fininho,
O Mago da
Bola

Autor: Fernando César

APRESENTAÇÃO

Este livro ofereço aos meus pais, que já foram viver uma nova vida ao lado do Grande Pai; ofereço a meus tios: João da Mata e Joana Lopes, que foram meus pais adotivos e me deram a educação necessária para hoje estar escrevendo estas linhas; ofereço aos meus amigos: Jonas Salazar, Antonio Missias e Delma Botelho, que muito me ajudaram em meus momentos difíceis; ofereço ao meu amigo Clóvis, que me deu a idéia de escrevê-lo; ofereço também às duas pessoas mais importantes da minha vida: meus filhos João Eudes e Fernanda Caroline, que entusiasmados perguntavam-me todos os dias, quando eu ainda o escrevia, se estava próximo do final do livro.

INTRODUÇÃO

Muitos são os problemas com que nos deparamos durante a nossa existência. Alguns estão além do nosso controle; outros, por estarmos despreparados, nos atacam de uma forma covarde. Na nossa infância, quando então desprevenidos, estamos sujeitos à suas ações, pois não sentimos a sua presença. Vamos crescendo e começamos a pressentir estes perigos que nos rondam, procurando em nós uma porta de entrada para que possam fazer suas ações maléficas ou benéficas. Digo maléficas ou benéficas por que isso vai depender de cada um de nós, de como o aceitamos e o enfrentamos.

Os problemas são obstáculos que surgem entre nós e nossos objetivos. Existem meios preventivos de contorná-los ou amenizá-los e é isso que Fininho, o mago da bola, vem procurar nos mostrar.

Entre você e o sucesso aparecerão muitos obstáculos. Procure saber conviver com eles, dominá-los e ultrapassá-los. Siga a diante, o sucesso está à sua frente, à sua espera. Boa sorte!

Fininho, o mago da bola

Em uma pequena cidade do interior paulista nasceu uma criança que foi, com o tempo, o orgulho de toda a população daquele lugar: Fininho, bom de bola. Era como o jornal local o denominava. Esta é uma história que é um exemplo de determinação e superação.

Arnaldo, casado com Eugênia e pai de cinco filhos, sendo dois homens e três mulheres, levava uma vida muito difícil. Desde os doze anos de idade, contra a sua vontade, teve que acompanhar o pai, seu Rufino, nos serviços da lavoura, deixando para trás o sonho de um dia ser doutor.

Certa noite, seu Rufino em conversa com dona Edileuza, mãe de Arnaldo, disse-lhe:

— Leuza, estar se aproximando a colheita e não temos dinheiro para pagar alguém que possa nos ajudar a colher os cereais. Eu estive pensando muito e o único jeito que encontrei de resolver este problema é tirar o Arnaldo do colégio para que ele me ajude.

— Rufino, você sabe qual é o sonho do garoto não sabe?

— Sei.

— Pois é! E quem vai dar a notícia a ele? Pois eu não tenho coragem.

— Deixa comigo! Eu falo com ele. Além do mais ele já aprendeu a ler. Sabe até escrever o nome! Não precisa ir ao tal colégio mais não.

— Rufino, nós passamos estas dificuldades todas é por que mal aprendemos a ler e escrever. Você não vê seu João? Hoje é fazendeiro. Mais para isso estudou.

— Conversa, Leuza! João teve foi sorte.

— Sorte? Se fosse sorte Rufino, os filhos dele estariam todos aqui com ele trabalhando na fazenda. E onde é que eles estão? Na cidade estudando. No fundo é por que o pai sabe que o melhor para eles é estar no colégio, estudando.

— Conversa, conversa! Ninguém vai botar na minha cabeça que o estudo melhora a vida de alguém. Se fosse assim os professores eram ricos. Eram todos fazendeiros. E eu não conheço nenhum fazendeiro d'aqui da região que tenha sido professor.

— É! Você não tem jeito mesmo! Quando diz que pau é pedra é pedra mesmo e pronto. Nunca vi tanta teimosia numa pessoa só. Espero que nossos filhos não sigam seu exemplo.

— Leuza, não reclama não! Eu nunca deixei faltar comida dentro de casa. Nós temos pouco, mais o pouco que temos foi conseguido com suor e honestidade.

— Rufino, eu sei e não estou reclamando disso não. Só estou preocupada com o futuro das crianças. Sem estudo e morando aqui nesta cidadezinha, correndo o risco de ficarem como nós, não, eu não queria esta vida para eles!

— Leuza, o futuro deles é ao meu lado, aqui, trabalhando comigo. Meu pai criou a mim e mais oito irmãos, todos aqui, e nunca morreu nenhum de fome.

— É, mais de todos os teus irmãos, tu és quem melhor vive. E olha como vive!

— Ta bom! Eu vou tirar o Arnaldo do colégio este ano por que não temos como pagar alguém para nos ajudar na colheita. Mais se Deus quiser e tudo sair bem, ano que vem ele volta a

estudar. Agora te digo uma coisa, não vai ficar pensando que eu vou mandar ele para estudar na capital, que não vou não. Dos quatro filhos que tivemos, só veio ele de homem. Portanto é Arnaldo que tem que cuidar das terras quando eu morrer.

— Rufino, você é muito novo e já está falando em morrer!

— Leuza, para morrer basto estar vivo.

— Ta bom! Vamos dormir por que amanhã você terá um dia muito difícil. E boa sorte na conversa com Arnaldo!

Na manhã seguinte, como de costume, seu Rufino acordou cedo e foi cuidar dos animais. Quando retornou à casa, todos já haviam acordado. Sentaram-se à mesa e tomaram o café da manhã.

As meninas foram ajudar dona Edileuza nas tarefas de casa e seu Rufino chamou Arnaldo para irem olhar os porcos. No caminho o pai do garoto pigarreou e disse:

— Arnaldo meu filho, não sei como vou fazer para arranjar alguém que possa me ajudar na colheita este ano. Estive fazendo umas contas e o dinheiro que vamos conseguir com a safra, só vai dar para pagar os gastos que tivemos com sementes e adubos, e sobra o necessário para comprarmos o que comer até a próxima colheita. Sem falar que vou ter de achar alguém que me empreste um pouco de sementes para o próximo plantio.

Em conversa com sua mãe, ontem, eu disse-lhe que a única saída era tirar você do colégio este ano. Sei que é duro para você ouvir isso, mais não tenho outra solução. Preciso que me ajude na lavoura este ano. Ano que vem, se tudo der certo, você volta a estudar. Além do mais já estás com doze anos e precisa aprender a fazer alguma coisa. Eu, com sua idade já acompanhava seu avô nos trabalhos da lavoura. Amanhã ou depois você se casa e quem é que vai trabalhar para sustentar sua mulher e seus filhos? Eu não quero

filho meu morando o resto da vida comigo não. Casou tem que procurar seu lugar.

Arnaldo, embora muito chateado, teve que concordar com tudo o que foi dito.

Quatro anos se passaram e Arnaldo continuava a trabalhar no campo com seu pai. Aos poucos foi deixando de lado o sonho de um dia ser doutor. Conheceu uma moça de nome Eugênia, de uma família, também, muito humilde, e dois anos depois se casaram.

Seu Rufino adoeceu e Arnaldo passou, sozinho, a responder pelo o sustento de toda a família. E esta, meses depois, teve uma baixa muito grande: Seu Rufino, que há muito vinha doente, veio a falecer.

Arnaldo mudou-se para sua casa materna e passou a cuidar de suas três irmãs e de dona Edileuza, sua mãe, que após a morte do esposo, também não gozava de boa saúde.

Os dois primeiros anos, sem o convívio com seu Rufino, foram muito difíceis para toda a família.

A cada instante, nos momentos difíceis, vinha à lembrança de todos a imagem de seu Rufino.

Arnaldo vez por outra perguntava a si mesmo: “Como meu pai enfrentaria tal problema?”. E em seguida dizia: “Pai, onde quer que esteja, dai-me sabedoria!”

Aos poucos Arnaldo foi amadurecendo e ganhando experiências. Em certos momentos de angústia, sentia a presença de seu pai ao seu lado, e isto lhe dava forças para continuar a luta pelos seus.

Um certo fim de tarde de verão, sentado à porta de sua casa com a família, a lembrar dos momentos de aperto que se passaram e

que agora graças a Deus e a certeza da presença de seu Rufino próxima a eles, tudo estava indo muito bem, Arnaldo teve a melhor notícia da sua vida: Ia ser pai. O mundo de Arnaldo ficou muito mais colorido; mais cheio de graça. A responsabilidade aumentava e ele agora iria saber o que era ser pai.

Nove meses se passaram, e finalmente veio ao mundo Rufino Neto, Rufininho, e que mais tarde o mundo o conheceria como Fininho o iluminado; Fininho o astro; Fininho o mago; o mágico ...

Na família, o garoto passou a ser o centro das atenções. Ele crescia robusto, muito esperto e mimado por todos, principalmente por dona Edileuza, sua avó, que encontrava junto a ele seus momentos de distrações e alegrias.

Três anos após o nascimento de Rufininho, este ganhou a companhia de um irmão. Nascia então Toninho, que também seria motivo de orgulho para toda a família.

Três anos mais tarde, seu Arnaldo em conversa com dona Eugênia disse-lhe:

— Eugênia, está na hora de matricular o Rufininho no colégio. Quero que ele tenha uma vida melhor do que essa vivida por nós.

— Você não acha que estar muito cedo? Ele tem apenas seis anos de idade. Deixa o garoto completar oito anos!

— Não, não! Eu na idade dele via os meninos passarem na porta de casa em direção ao colégio, e perguntava a minha mãe por que eu não ia com eles. Ela me botava no colo e dizia que eu era muito pequeno para fazer parte daquele grupo. E que ela saberia quando fosse a hora certa de eu entrar para o colégio.

Rufininho não será como eu. Vai estudar e ser doutor.

— Arnaldo, Não manipule o menino! Não queira que ele seja o que você não foi! Deixe-o escolher o caminho dele! Cabe a nós apenas orientá-lo.

Aos oito anos de idade, Rufininho começava a dar trabalho aos pais.

Dona Eugênia foi chamada a comparecer ao colégio para dar esclarecimentos sobre as constantes ausências do garoto.

A professora Eulália, após cumprimentos, falou:

— Dona Eugênia, Rufininho é um bom garoto, esperto, inteligente, mas ultimamente a sua conduta vem deixando a desejar. Ele tem faltado bastante; e tem mostrado desinteresse pelo estudo. As outras crianças estão mais adiantadas do que ele. Ele tem se comportado de forma agressiva com os colegas, e até a mim tem respondido com falta de respeito. O que é que está acontecendo com ele? A senhora está tendo algum problema conjugal com seu Arnaldo, que tem sido presenciado pelo garoto? Alguma discussão, alguma briga?

— Não, não! Graças a Deus nunca tive nenhum desentendimento com Arnaldo. E eu fico surpresa com tudo isso, pois todos os dias Rufininho sai de casa dizendo que vem para o colégio!

— Em casa a senhora não vem notando nele nenhum comportamento estranho?

— Não! Mais eu vou conversar com Arnaldo para vermos o que está acontecendo.

— Dona Eugênia, você e o seu Arnaldo precisam ter cuidado quando forem conversar com ele. Bater não resolve, pode até piorar a situação. A melhor maneira de lidar com um problema

como esse é conversar com a criança, mostrando o lado negativo de tais atitudes, e fazer ele entender que só tem a perder com tudo isso.

Olhe! A criança nesta idade está começando a criar sua personalidade, precisamos ter muito cuidado daqui para frente.

A educação dos filhos começa em casa. No colégio ela é apenas aperfeiçoada. O ideal é os pais perguntarem a seus filhos, todos os dias, como é que estão no colégio; pedir seus cadernos para darem uma olhada; determinar horário para brincar e para estudar, em casa. E pelo menos de quinze em quinze dias virem ao colégio, saber como está se comportando a criança.

Existe um método fácil e prático de alguém fazer o que quisermos que seja feito. Veja bem: Quando vamos adestrar um animalzinho, ensinamos a ele o que tem que fazer e em seguida lhes damos uma recompensa. E todas as vezes que ele quiser receber a recompensa, sabe que tem que fazer alguma coisa ou dar algo em troca. E assim ele pega o hábito de fazer aquilo para o qual foi treinado. As crianças também agem assim. Elas saberão que precisam fazer o que seus pais querem que façam, para depois serem merecedores de algo deles. Não é bom ir dando sem merecimento. Como também não é bom deixar de lhes dar quando merecem. Deixem-no brincar, mais depois que tiver feito o dever de casa. Procurem usar este método!

— Tudo bem professora! Nós temos deixado o Rufuninho muito solto. Mas prometo-lhe que daqui para frente iremos acompanhá-lo de perto. Estaremos mais presente na educação e na vida dele. E lhe agradeço muito pela preocupação mostrada para com meu filho. Muito obrigada!

— Não há de que agradecer dona Eugênia, eu também tenho minha parte de contribuição na educação de cada um de meus alunos. O que estou fazendo por ele, também, o faço por todos os

outros, quando necessário.

Nós aprendemos a falar, a caminhar, a ler, a escrever quando ainda somos crianças. Neste período temos uma facilidade muito grande de aprendermos as coisas. Portanto, devemos encher as nossas crianças de bons hábitos, não escondendo deles, também os maus. Pois elas precisam saber diferenciar o certo do errado. Primeiro fazemos nossos hábitos, depois estes nos fazem. Tenha um bom dia e espero-lhe aqui na semana que vem, neste mesmo dia e horário, para sabermos como estão indo as coisas.

— Mais uma vez muito obrigada e Tchau! - Despediu-se, dessa forma, dona Eugênia.

À noite, quando foi dormir, dona Eugênia contou a seu Arnaldo toda a conversa que teve com a professora de Rufininho.

Seu Arnaldo ouviu tudo atentamente e depois disse:

— Amanhã vou descobrir aonde é que ele está indo quando sai dizendo que vai para o colégio. Pode deixar comigo que eu vou descobrir!

Na manhã seguinte, Rufininho saiu para o colégio e seu Arnaldo para a lavoura. Por volta das 09h30min seu Arnaldo retorna para casa, e vai ao colégio. Chegando lá a professora lhe diz que Rufininho não tinha vindo ao colégio naquele dia.

Seu Arnaldo sai pela pequena cidade em busca do filho e o encontra em um campinho de futebol, jogando com outras crianças. Várias pessoas estão ao redor do campo observando o jogo. O pai de Rufininho mistura-se a estas e começa a ouvir os elogios referentes a seu filho. Todas as vezes que a bola chega aos pés de Fininho, nome adotado por todos os ali presentes, sai uma jogada digna de aplausos. Seu Arnaldo fica ali, em pé, assistindo o jogo e emocionando-se com os aplausos da pequena torcida, a cada jogada do filho.

Ao término do jogo, Fininho descobre seu pai entre os torcedores. Então a pequena estrela do futebol, com medo, começa a chorar. Seu Arnaldo vai até o garoto e o abraça. Neste momento algumas das pessoas que estavam assistindo ao jogo e ainda não conheciam o garoto, se aproximam de pai e filho. E quando ficam sabendo que seu Arnaldo é o pai de Fininho, começam a parabenizá-lo pelo filho que tem.

Passando por ali Padre Agostinho, que é vizinho de seu Arnaldo, acompanha pai e filho de volta para casa.

Padre Agostinho estranhando ter encontrado os dois na cidade naquela hora do dia, quando um deveria estar no colégio e o outro na lavoura, pergunta-lhes qual o motivo da vinda à cidade.

Seu Arnaldo passa, então, a relatar os fatos a Padre Agostinho, e pede-lhe conselho de como deve agir diante de tais acontecimentos.

O Padre passa a mão na cabeça de Fininho e diz ao pai do garoto:

— Arnaldo, às vezes procuramos o sucesso em lugares distante, e não enxergamos que ele está bem próximo, geralmente junto a nós. Deus escreve certo por linhas tortas.

O padre olha para Rufininho e pergunta:

— Filho, o que é que você quer ser quando crescer? - Mais do que depressa o menino responde:

— Jogador de futebol! O maior jogador de futebol do mundo.

Padre Agostinho vira-se para seu Arnaldo, mexe com os ombros e diz:

— O homem precisa ter sonhos. A vida sem sonhos, sem objetivo e sem Deus, não vale apenas ser vivida! Arnaldo, não destrua o sonho do seu filho! Procure ajudá-lo a manter acesa a

chama da realização.

Eu preciso conversar com você e dona Eugênia. Portanto eu convido você e sua esposa a irem lá em casa, hoje, tomar um chá comigo. Vou estar lhes esperando!

— Obrigado Padre, estaremos lá! — Falou seu Arnaldo.

À noite os pais de Rufininho vão à casa do amigo Padre, e são recebidos pelo mesmo que lhes recebe com muita alegria e um chá quentinho que acabara de passar. Após alguns goles da bebida preferida do reverendo, este pergunta-lhes:

— Como vai Rufininho? Vocês falaram com ele?

— Ele está bem! Tá meio desconfiado, achando que vamos bater nele. Mais nós deixamos para falarmos com ele só depois que ouvirmos o senhor. — Falou seu Arnaldo.

— Ótimo! Ótimo! Fizeram bem!

Olhem, a tendência das crianças é fazerem as coisas de maneira errada, mas elas agem inocentemente, pois não têm um completo entendimento do que é certo e errado, nem das consequências que tais atitudes podem lhes trazer. Nós, quando criança, não éramos diferentes. Então precisamos deixar esse mau hábito de querermos que eles pensem e ajam como nós, adultos. Eles vão estar sempre errando! Agora cabem a vocês, os pais, orientá-los. Este é o dever e obrigação dos pais. Mais tarde vocês poderão ser responsabilizados pelo o que eles vierem a ser. Façam o melhor por seus filhos, pois estes não pediram para virem ao mundo. A criança que recebe afeto e carinho se apega muito aos pais, então fica mais fácil de conduzi-lo. Também não precisamos aceitar tudo o que elas venham a fazer, quando for preciso ser enérgicos, sejamos enérgicos! Mas sem usar da violência, pois as crianças são indefesas.

Existem muitos pais por aí, ignorantes, que espancam os seus filhos em um completo ato de covardia, achando que desta forma estão educando-os. Não procuram orientações de como resolver os problemas causados pelas crianças e acabam criando problemas maiores ainda, desenvolvendo nos filhos sentimentos de ódio e contribuindo para a delinquência destes.

Quando você planta uma manga, você vai colher manga. Se plantares tomate, vais colher tomate. Na educação dos filhos não será diferente. Semeie o ódio e colherás o ódio; a violência e terá um filho violento. Semeie amor e colherás amor. É muito simples!

A mente de uma criança é como um pedacinho de terra, limpo, pronto para o plantio. Ali vai nascer o que plantarmos, e o que os outros plantarem. Portanto estejamos atentos em ver o que estar germinando neste pedacinho de terra.

Vamos plantar lá, bastantes sementes de bons hábitos, adubá-la bem e regar sempre para que cresçam fortes, vigorosas, e dêem bons frutos, não esquecendo de estar sempre fazendo as capinas, retirando as ervas daninhas que venham a nascer e que com certeza atrapalharão o crescimento das boas plantas e que podem retirar a criança do caminho que o conduziria ao sucesso e a felicidade.

O mundo é cheio de armadilhas, e quem estar na chuva, sem o guarda-chuva, com certeza irá se molhar. Portanto, sejamos como um belo guarda-chuva para as nossas crianças.

A melhor forma de se conseguir o que se quer de alguém, é poder dar a ela aquilo o que ela quer. É da natureza do ser humano, só fazer algo para você se deres a ele algo em troca. Daí o velho ditado: “É dando que se recebe”. Agora vocês pais precisam ser os primeiros a receber, e não o filho.

— Porque precisamos receber primeiros que ele? – Pergunta

seu Arnaldo.

— Para que eles não fiquem viciados em só fazer algo para vós se receberem algo de vocês. Tornando-se assim pessoas oportunistas.

A criança precisa também, de brincar, aproveitar a sua infância, pois só se é criança uma vez.

O menino que os pais o privam de brincar com as outras crianças, quando fica grande, tem dificuldade de se relacionar com as outras pessoas, e isto é uma barreira difícil de superar, é muito prejudicial para o crescimento de qualquer criança.

— Como devemos falar com Rufininho então? — Pergunta seu Arnaldo.

— Vocês vão dizer a ele que ficaram muito chateados por ele ter lhes enganados, dizendo que ia para a escola e às vezes nem lá aparecia. E que vocês não vão proibi-lo de jogar bola não. Ele pode continuar jogando a sua bola com os amigos, à tarde, depois de ter feito, em casa, os deveres escolares.

E lembrem-se: se deres a ele o que ele quer e gosta, ele também fará o que vocês querem que ele faça. Mais volto a dizer: dêem a ele por merecimento. Ou seja: recebam primeiro.

Prometa-lhe que se ele for um bom aluno, ganhará no final do mês, ou do ano, um par de chuteiras; ou uma bola; ou um uniforme de um grande clube, coisas que estejam relacionadas à sua grande paixão: o futebol.

Digam-lhe que o jogador de futebol aos quarenta anos de idade já estar velho para o esporte, e que se ele não tiver estudo, ou uma outra profissão, ele vai passar por necessidades.

Devemos cuidar, também, da parte afetiva, dando-lhe carinho. Não esquecendo que tudo demais é prejudicial. Agora muito cuidado para não tratar um filho diferente dos demais!

Devemos tratar todos iguais.

O lado espiritual não deve jamais ser esquecido. É importante que os pais levem, com eles, os filhos a uma igreja aos domingos. Para que eles aprendam, de pequenos, a agradecer pela semana que passou e pedir bênçãos pela a que segue. A pessoa que frequenta a casa de Deus abre as portas da sua para que Deus também a visite.

Olhem! O homem pode ter todo sucesso, todo ouro do mundo, mas se ele não tiver Deus no coração, ele não tem nada, é a mais pobre das criaturas.

Após os conselhos dados pelo padre Agostinho, a conversa passa para outros assuntos diferentes, relacionados à comunidade. Algumas horas depois, seu Arnaldo e dona Eugênia resolveram despedir-se do padre, pois já estava bastante tarde para quem tinha que acordar cedo.

— Padre, muito obrigado pelas orientações. Prometo-lhe que faremos de tudo para segui-las, e nunca esqueceremos o que foi dito aqui hoje. — Falou seu Arnaldo.

— Filhos, quando tiverdes algum problema de difícil solução, procurem ajuda de alguém de confiança para que este os ajude a encontrar a solução de tal problema. E olhem! Nunca devemos procurar resolver o que quer que seja, de cabeça quente. Não é seguro agir precipitadamente.

Precisamos dominar nossas emoções para não fazermos besteiras. Agora vão em paz e que Deus os abençoe!

Dona Eugênia falou que no próximo domingo seria o aniversário de Rufininho, e que ficariam honrados se o reverendo fosse almoçar com eles.

O reverendo prometeu que iria.

Depois das despedidas, seu Arnaldo e dona Eugênia

voltaram para casa.

No dia seguinte seu Arnaldo fez questão de, antes de ir ao trabalho, levar Rufininho ao colégio. E pelo caminho foi falando com o garoto sobre futebol, fazendo-o ficar mais a vontade. Seu Arnaldo estava fazendo o garoto acreditar que ele iria ajudá-lo na realização do seu sonho: ser o melhor jogador do mundo.

— Filho, agora que você sabe o que quer ser na vida, lute pelo seu objetivo. Mas nunca deixe de estudar! O estudo vai lhe ajudar a ser o que você quer ser mais rapidamente. O estudo educa e o trabalho dignifica. Um precisa do outro para que sejam completos. O nosso caminho é cheio de obstáculo e por isso devemos estar preparados.

Se alguma vez você fracassar em alguma coisa, erga a cabeça e tente novamente. De machadada em machadada é que o grande Carvalho cai. Nunca, nunca desista! Procure sempre fazer mais e melhor. Procure tirar proveito dos tropeços e lembre-se que você tem uma família que te ama e que sente orgulho de você.

— Papai, não se preocupe! Agora que você deixou eu jogar à tarde, prometo-lhe que voltarei a ser um bom aluno!

Ao chegarem ao colégio, Rufininho foi para a sala de aula e seu Arnaldo chamou a professora para conversar um pouco com ela.

Fez-lhe um relato completo de tudo o que vinha acontecendo com Rufininho e pediu apoio à professora. Caso ela notasse qualquer comportamento estranho do garoto, entrasse em contato imediatamente com dona Eugênia. E assim ficaram acertados.

Rufininho começou a voltar a se interessar pelo estudo. Todos os dias saía do colégio, logo após a aula, e ia direto para casa. Depois do almoço pegava os cadernos e livros e fazia os

deveres de casa. Em seguida mostrava para a sua mãe. Dona Eugênia depois de revisar tudo, liberava o garoto para ir jogar seu futebol.

Rufininho saía pulando de alegria, para fazer o que mais gostava na vida: jogar bola.

Seu Arnaldo, aos domingos e duas vezes por semana, saía mais cedo da lavoura e ia ver “Fininho” jogando.

Uma certa tarde, Fininho contou com uma torcida especial. Estando ele a jogar, eis que escutou por vozes bem conhecidas, e quando olhou para a pequena arquibancada, lá estavam: sua professora, seu pai, sua mãe e todos os alunos do pequeno colégio. A cada gol que marcava ele ia comemorar com aquela torcida especial.

Fininho foi crescendo, e sendo um exemplo de bom filho. Querido por todos os habitantes da pequena cidade onde nascera, seu nome já era falado em outros povoados das redondezas, onde esteve jogando vestindo a camisa do time da sua cidade.

Fininho, agora com dezesseis anos de idade, passou a olhar para seu pai e notou que este estava ficando mais velho; mais lento; e que o mesmo trabalhava muito e sozinho na lavoura. Toninho, seu outro filho, tinha apenas 13 anos de idade e seu Arnaldo o queria estudando e brincando, pois não era ainda a hora de ele trabalhar. Ele precisava ser criança antes de ser adulto.

Fininho decidiu então que um dia jogaria bola e o outro iria para a lavoura ajudar seu pai.

Seu Arnaldo relutou em aceitar a decisão do filho, mas, aos poucos foi dando o braço a torcer, e acabou aceitando a ajuda do garoto.

Fininho saía cedo para o colégio, e depois da aula ia direto para o trabalho. No trabalho alimentava-se da comida que seu pai

levava para ambos, e às 18:00 horas retornava com seu pai, à sua casa. Jantava com seus pais e irmãos, em seguida pegava os livros e estudava até a hora de ir para cama dormir.

Certo dia quando estava jogando, Fininho notou a presença de um senhor, fora de campo, que não era daquela redondeza, pois nunca o tinha visto antes. O mesmo portava uma filmadora e não o perdia de vista. Filmava todos os gestos e jogadas suas. Tinha alguém do seu lado com uma prancheta na mão, onde fazia varias anotações a pedido daquele senhor.

Terminado o jogo, os dois visitantes aproximaram-se de Fininho, o cumprimentaram e apresentaram-se como descobridores de talentos, sendo chamados por outros de “olheiros”. Fizeram vários elogios a Rufininho, perguntaram seu nome; quantos anos tinha; onde morava; e quem eram seus pais. Disseram-lhe que estavam voltando à capital, para mostrarem o resultado de seus trabalhos aos dirigentes do clube de futebol para o qual trabalhavam, e que com certeza dentro de alguns dias, voltariam para conhecer os pais de Fininho, para tratar do futuro do jovem talento.

Depois que os estranhos foram embora, Fininho se pôs a perguntar: — Por que alguém que se diz ser da capital viria aqui, tão distante, para filmar o nosso jogo? Meio desconfiado e sem saber a resposta para tal pergunta, Fininho volta para casa intrigado e pensativo.

À noite, após a janta, o jovem senta-se na porta de sua casa, onde seus pais já estavam, e conta-lhes o ocorrido desta tarde.

Seu Arnaldo olha para dona Eugênia, depois para Rufininho e pergunta:

— Quando eles disseram que voltariam?

— Dentro de alguns dias, disseram eles.

— Amanhã conversaremos com padre Agostinho para saber o que ele acha disso tudo.

Na manhã seguinte Rufininho seguiu para o colégio e seu Arnaldo para a lavoura, e a noite ambos foram à casa do padre, para que Rufininho lhe contasse o ocorrido do dia anterior.

Padre Agostinho os recebe com alegria dizendo-lhes:

— Que prazer imenso tê-los em minha humilde casa! A que devo a honra desta visita? — E sem esperar a resposta, completa: — Vamos, entrem e sentem-se, enquanto lhes sirvo um chá.

Após alguns goles da bebida preferida de padre Agostinho, seu Arnaldo começou por agradecer aos conselhos que vinha sendo dado a ele e dona Eugênia e que muito vinha ajudando na educação de seus filhos. Lembrou ao padre que um dia ele havia dito que quando eles tivessem algum problema, procurassem alguém de confiança para ajudá-los na solução do mesmo. E isto era o porquê daquela visita.

O reverendo pediu-lhes que então o colocassem a par da situação.

Então Seu Arnaldo fez-lhe um relato do fato ocorrido no dia anterior, quando Rufininho estava jogando bola.

Padre Agostinho após ouvir toda a história, sem interromper um instante, falou:

— Arnaldo, o homem quando faz as coisas melhores do que os outros; quando constrói uma casa melhor do que o outro; conserta um sapato melhor que outros; joga bola melhor que muitos, ele pode fazer sua casa no meio da floresta que mesmo assim será encontrado.

O nome de seu filho é conhecido de todas as pessoas daqui da região. Era quase impossível o seu nome não chegar à capital. Quando isto acontecesse, mais cedo ou mais tarde viriam buscá-lo.

Mas, olhe, nossa pequena cidade é quase um vilarejo, e aqui não há um futuro promissor para Rufininho. Ele aqui está sobrando. Somente uma cidade grande pode comportá-lo. Portanto ele deve estar preparado para agarrar a oportunidade quando esta bater em sua porta. Não deve deixá-la escapar, pois pode ser que esta nunca mais retorne.

Rufininho, caso este senhor que esteve aqui seja mesmo um olheiro de futebol, pode ter certeza que ele voltará para buscá-lo. — O padre faz uma pausa, e olhando para Fininho continua: — E você, filho, precisa ir com ele. O seu futuro é longe daqui. Olhe! O mundo lá fora é muito grande e cheio de armadilhas, é muito diferente deste aqui em que vivemos. Muitos dirão ser seu amigo, mas não se iluda! Seus verdadeiros amigos são aqueles que estarão ao seu lado na hora em que mais você precisar de ajuda. Os falsos amigos desaparecerão em tais horas.

O homem precisa de um ponto de referência para chegar ao seu objetivo. Escolha para sua referência pessoas de sucesso! Observe os seus hábitos: seu modo de falar; de vestir; de se dirigir às pessoas; de se comportar; os tipos de amigos que esta pessoa tem; procure imitá-lo e tenha certeza que você pode, e deve ser melhor que ele. Para isto, basta ser melhor que você mesmo a cada dia. Seja esta pessoa que sempre foi: humilde, alegre, honesto e sincero. Nunca procure provar aos outros que és melhor que eles, pois atrairás antipatia, inveja e inimigos. O seu principal competidor será você mesmo. Goste de todos, ame a todos e jamais deixe passar a oportunidade de ajudar alguém.

Você indo, deixará muitas saudades; deixará um vazio imenso. O povo daqui o ama muito. Você representa muito para todos nós, e pode ficar ciente que onde quer que estejas, estaremos aqui orando e torcendo pelo seu sucesso. Faça com que o nome

desta pequena cidade seja conhecido no mundo. Você será, sempre, motivo de nosso orgulho.

Sempre que puder venha rever-nos e alegrar os corações de todos nós, que estaremos aqui a esperá-lo. Procure não nos esquecer, pois jamais o esqueceremos. E que Deus o abençoe e guarde! — Após dito isso ao rapaz, o padre vira-se para seu Arnaldo e esposa e diz-lhes: — Agora resta-nos orar para que os tais homens venham e tragam uma boa proposta para o desenvolvimento do nosso pequeno astro.

E quanto a você Arnaldo, não temas! Se for da vontade de Deus que ele vá, ele irá!

O olheiro, de volta à capital, reuniu-se com os dirigentes do clube para mostrar-lhes as filmagens feitas dos garotos, que através de indicações ele saiu à procura.

Das seis crianças observadas, três foram escolhidas pelo grupo. E Rufininho foi quem mais chamou a atenção. Os seus dribles desconcertantes, seus passes perfeitos, seus toques de classe, ele e a bola eram uma combinação perfeita, pareciam que foram feitos um para o outro.

O garoto encantou a todos, que voltaram à filmagem por três vezes para melhor apreciá-lo.

A comissão decidiu, então, reunir todo o elenco de jogadores do time “A” e time “B”, para a exibição do vídeo dos novos talentos que iriam integrar-se ao clube.

No final da exibição do vídeo, o assunto principal era “Rufininho”. Os jogadores do time “B” não viam a hora deste reforço chegar; viam nele a salvação do time que não vinha bem no torneio, pois dos jogos já disputados, haviam ganho dois, empatado um, e perdido quatro.

Já os jogadores do time “A”, os profissionais, eram unânimes em afirmar que ele seria a grande estrela do clube, em um curto prazo. E também o aguardariam ansiosos para dar-lhes as boas vindas.

O vice-presidente do clube, juntamente com o olheiro, recebera carta branca e foram enviados para buscarem os garotos.

O primeiro contato foi com Rufininho.

Chegando à cidade natal de nosso pequeno herói, os representantes do clube paulista pediram informação de onde morava Rufininho, e seguiram para lá. Ao chegarem à porta de sua casa, bateram palmas, e foram recebidos pela mãe do garoto, dona Eugênia. Os visitantes apresentaram-se como sendo representantes de um time de futebol da capital e que estavam ali para falar com Rufininho e seus pais.

Dona Eugênia pediu que entrassem e sentassem. Chamou uma de suas filhas e mandou que fosse à lavoura chamar seu Arnaldo e Rufininho. Pois estavam em casa, dois homens da capital que queriam falar com eles.

Rufininho que ultimamente mal conseguia dormir, esperando por este dia, quando recebeu a notícia, largou a enxada no chão e deu pulos e socos no ar de tanta alegria.

Seguiram os dois para casa, pai e filho, ao encontro tão esperado.

Chegando em casa cumprimentaram os dois visitantes, e depois das apresentações, seu Arnaldo pediu-lhes licença enquanto tomariam um banho para em seguida almoçarem, pois dona Eugênia e as meninas já haviam preparado o almoço.

Após o banho, seu Arnaldo convidou os visitantes a sentarem-se com eles à mesa. Convite aceito, a família fez uma

pequena oração de agradecimento a Deus pelo alimento que iriam receber e em seguida começaram a se servir.

Os visitantes, logo após o almoço, cobriram as mulheres de elogios pela deliciosa comida e dirigiram-se juntamente com a família rumo à sala, para explicar a esta o motivo da sua vinda àquela humilde casa.

O vice-presidente do clube, o senhor Aurélio Silva, pergunta então a seu Arnaldo:

— Quantos anos tem Rufininho?

— Dezesseis.

— Ele faz o que? Além de jogar bola.

— Estuda pela manhã. E a tarde, um dia trabalha e o outro joga bola.

— Ótimo! — O vice-presidente do clube volta-se para Fininho e pergunta-lhe:

— E você meu rapaz, o que é que mais gosta de fazer?

— Jogar futebol. — Responde o garoto.

— O homem, quando criança, é questionado sobre o que vai ser quando crescer. Todos têm um sonho. Alguns querem ser médicos, outros professores, eu quis ser piloto de avião, e, no entanto hoje sou vice-presidente de um clube de futebol, que quando torcedor eu disse que seria presidente.

Agora eu lhe pergunto: — O que você quer ser? Qual é o seu sonho?

— Desde criança eu quis ser jogador de futebol. E o meu sonho é ser o melhor jogador de futebol do mundo. — O vice-presidente olha para o seu companheiro, faz um gesto positivo com a cabeça, e volta a falar:

— Você pode e vai conseguir. Só depende de você mesmo. Quando você acha que pode fazer algo, sua mente vai trabalhar a

favor de que você consiga. Porém, se você achar que não consegue ou pelo menos duvidar que pode conseguir, sua mente irá trabalhar no intuito de o desanimar. Ela vai encontrar mil e um pretextos para você desistir. Isso aconteceu comigo quando eu quis ser piloto de avião, e duvidei que conseguiria. Mas não tenho dúvidas que serei presidente do clube.

O nosso clube por não ter dinheiro suficiente para fazer grandes contratações, sai por aí recrutando jovens talentos e levando para nosso time base: os juniores. Lá lhes prestamos assistência médica, alimentação, alojamento, temos um convênio com um colégio de primeiro e segundo grau e tudo isso em regime interno. Somos na realidade uma grande família. Todos ganham uma ajuda de custo em dinheiro, que varia de acordo com o desenvolvimento de cada um.

Temos dois campeonatos estaduais por ano, de juniores, onde os atletas são preparados para integrar-se aos jogadores do time “A” e tornarem-se profissionais.

O atleta quando passa à profissional podemos dizer que estar com a vida ganha, pois poucas profissões oferecem salários tão altos quanto o futebol. — E voltando-se para seu Arnaldo novamente, o vice-presidente lhe fala:

— Na capital ouvimos falar no nome do seu filho e de mais cinco outras crianças que jogavam muito bem, e que estariam sendo desperdiçadas aqui na região. Então, eu e o presidente do clube, resolvemos mandar vir aqui, na semana passada, Pedro Paulo, nosso olheiro, para ver e filmar estas crianças em atuação.

Pedro Paulo, como sempre, fez um belo trabalho e retornou com o resultado do mesmo. Depois de toda a comissão administrativa do clube assistir às filmagens, selecionamos três dos seis garotos e estamos aqui, para convidar-lhes a fazer parte do